

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/119169>

DOI: 10.11606/1982-88371928119

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2016 by USP/FFLCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

Recepção lusófona de Hermann Broch – Período 1959-2015

[Hermann Broch's reception in Brazil and Portugal between 1959 and 2015]

<http://dx.doi.org/10.11606/1982-88371928119>

Daniel Bonomo¹

Abstract: The response, in Brazil and Portugal, to recently published editions of the novels *The Sleepwalkers* and *The Death of Vergil* by Hermann Broch shows a growing interest in, or perhaps a rather late response to, the author. One might wonder what events have been shaping the history of his literary presence in the Portuguese speaking world. This paper takes an unprecedented look at how Broch's fictional and theoretical works have been received, in Portuguese, from the 1950s to the present day and provides a framework of main events – inclusions in the literary historiography, translations, theoretical and artistic utilizations. The objective is to expand the map of Broch's readings and to offer references which might promote further discussions and advance the research on the author and his work.

Keywords: German literature; Hermann Broch; Reception in Brazil and Portugal

Resumo: Edições publicadas entre 2011 e 2014 no Brasil e em Portugal dos romances *Os sonâmbulos* e *A morte de Virgílio*, de Hermann Broch, mais que indícios de um interesse crescente ou uma acolhida tardia, incentivam pensar que episódios vêm compondo a história de sua presença em língua portuguesa. O artigo apresenta um levantamento inédito da recepção lusófona das obras ficcional e teórica de Hermann Broch desde o fim da década de 1950 até o presente e fornece um quadro se não conclusivo ao menos organizador dos principais momentos – inclusões na historiografia literária, traduções, aproveitamentos teóricos e artísticos – que dão forma a essa história apenas começada. O objetivo é expandir o mapa de suas leituras e dispor referências a discussões futuras que resolvam avançar com a pesquisa do autor e sua obra.

Palavras-chave: Literatura de língua alemã; Hermann Broch; recepção lusófona

¹ Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Rua Sérgio Buarque de Holanda, 571, 13083-859, Cidade Universitária, Campinas, SP, Brasil. E-mail: drbonomo@gmail.com

1 Introdução

Fosse possível falar numa pré-história da presença de Hermann Broch no espaço lusófono,² seria preciso recordar Stefan Zweig, que, antes do suicídio em Petrópolis, no Rio de Janeiro, lamentava a ausência do amigo à época nos Estados Unidos, também exilado. “Leid ist es mir, von Amerika Broch nicht hier zu haben” (ZWEIG 1984: 329). Quer dizer, Broch, no Brasil, esteve primeiro na lembrança e amizade de Zweig, constando, inclusive, de sua última lista de endereços e telefones há pouco publicada, *A rede de amigos de Stefan Zweig*, com sua localização em Nova York, próximo à Universidade Columbia (BELOCH 2014: 33). Caso à parte, a circulação propriamente da obra de Broch nos meios literários de língua portuguesa iniciou, pelo menos com alguma visibilidade, nos anos 1960. A data condiz com sua divulgação póstuma e internacional crescente durante a década de 1950, sobretudo desde a primeira edição dos textos de Broch reunidos pela editora Rhein. Vale sublinhar que a projeção de seu nome no Brasil e em Portugal não deve corresponder à observada na Alemanha ou nos Estados Unidos. Se, no último meio século, a repercussão de Broch em ambiente lusófono foi descontínua e um tanto enxuta, a situação não é exatamente negativa, mas fala dos interesses e realidades locais, que, em matéria de adversidade, experimentam sua própria diversidade. Ademais, acompanham a irregularidade e a parcimônia dessa recepção momentos notáveis.

Com o intuito de organizar a história em andamento da recepção lusofalante da obra de Broch, lanço mão dos seguintes critérios: noto primeiro o surgimento do nome e sua inclusão na historiografia literária de língua portuguesa; em seguida, as traduções de seus textos; depois, menciono estudos e comentários à obra até então publicados; e por fim observo um aproveitamento artístico de Broch. Na perspectiva atual e de acordo com a preponderância de determinado aspecto, ordeno essa recepção em três fases: a primeira na década de 1960, fase do *surgimento*; a segunda na década de 1980, fase das *traduções*; e a terceira no momento atual, fase do *aproveitamento teórico*.

O artigo ainda complementa a bibliografia brochiana mais recente, estabelecida com admirável desvelo por Sarah McGaughey para o período 1985-2014 e publicada

² As expressões “espaço” ou “ambiente lusófono” desconsideram, aqui, outros territórios de língua portuguesa, já que não tenho notícia e suponho pequena a circulação da obra de Hermann Broch em países como, por exemplo, Angola e Moçambique.

em novembro de 2015 no *Hermann-Broch-Handbuch* da editora De Gruyter, organizado por Michael Kessler e Paul Michael Lützeler. No levantamento de McGaughey aparecem já alguns títulos em língua portuguesa, especialmente as traduções da obra de Broch realizadas no período contemplado, quase todas listadas, à exceção das novelas traduzidas por António Sousa Ribeiro, dos *Inocentes* traduzidos por Herbert Caro, do ensaio sobre James Joyce por Claudia Cavalcanti e da antologia de ensaios por Marcelo Backes, publicada em 2014, talvez após a conclusão do trabalho de McGaughey, que desconhece também as adaptações portuguesas para o palco da história de Zerlina. Com relação à *Sekundärliteratur* lusófona, isto é, à crítica de língua portuguesa, McGaughey inclui quatro títulos: um artigo de Elsa Meneses, um artigo de Kathrin Rosenfield, o livro de Maria Filomena Molder e minha tese de doutorado.

Dessa maneira ressalto a importância de um trabalho coletivo nesse tipo de levantamento, cujas dificuldades e amplitude muitas vezes excedem a força de um único pesquisador. Pelas circunstâncias e natureza do artigo, também aqui devem ocorrer omissões, assim como não faço apreciações justas dos títulos antes levantados que analisados, sejam estudos, traduções ou simples referências a Broch. A ideia, insisto, é dar subsídios à pesquisa futura interessada na obra do escritor austríaco.

2 Surgimento

É bastante provável que as primeiras menções a Hermann Broch em língua portuguesa tenham sido não por acaso as de Anatol Rosenfeld, Otto Maria Carpeaux e Paulo Quintela. Os três são conhecidos pela divulgação das literaturas de língua alemã e por ensaios e traduções já clássicos nesse domínio. São autores que, em seu contexto, apresentam muitas vezes nomes e títulos abrindo caminhos interpretativos repetidamente trilhados. Assim foi com o texto de Anatol Rosenfeld “À procura do mito perdido: notas sobre a crise do romance psicológico”, publicado no *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo* e incluído logo após no volume *Doze estudos*, de 1959. No texto, Rosenfeld trata de uma tendência do romance moderno para o abandono da psicologia individual em favor de construções alegóricas e “concepções sociais e metafísicas” (1959: 32). Pensa em autores como Aldous Huxley, Franz Werfel, Franz Kafka e Broch. Também em 1959, Otto Maria Carpeaux fez uma referência rápida a Broch em texto sobre Arno Schmidt igualmente publicado no jornal *O Estado*

de S. Paulo, intitulado “Leviatã”. Carpeaux aproxima Broch de Bertolt Brecht, Gottfried Benn e Robert Musil, nomes de “influência internacional” na “reabilitação” da literatura alemã no pós-guerra (2005: 479). Paulo Quintela, por sua vez, em 1960, na conferência “O romance alemão contemporâneo”, incluiu Broch entre os romancistas da “literatura de emigração” (1996: 351). É Quintela, dos três, quem dedicou então mais linhas à obra de Broch, não apenas introduzindo os principais romances – dos *Sonâmbulos* aos *Inocentes* – como também sugerindo a amplitude de sua atividade intelectual.

No que respeita à historiografia literária, em especial às histórias ou compêndios históricos da literatura de língua alemã em língua portuguesa, assinalo outros três momentos, os três na década de 1960, estabelecida portanto como primeira fase da recepção lusófona de Broch.

Em 1963 surgiu a *Literatura germânica do século XX* do catedrático de língua e literatura alemã da Universidade do Brasil e da Pontifícia Universidade Católica no Rio de Janeiro, frei Mansueto Kohnen. Hoje raramente citado, dedicou em seu tempo bom número de estudos à literatura de língua alemã, sempre em chave católica, que define de certo modo tanto a escolha de autores como o juízo de suas obras.³ Foi precursor, além do mais, no comentário à literatura contemporânea. Em 1941, por exemplo, publicou uma conferência sobre as letras alemãs de 1918 a 1941. E manteve nas duas décadas seguintes seus estudos culminando, no início dos anos 1960, com uma *História da literatura germânica* em cinco volumes. Na *Literatura germânica do século XX* de 1963, ao referir quantidade considerável de autores e desenhar um quadro que procura conciliar tendências diversas e parece dividir sua admiração por escritores religiosos (como Gertrud von Le Fort e Theodor Häcker) e o espanto vinculado a outros “que [se] encontraram com o nada” (como Kafka e Robert Walser), Kohnen inclui Broch entre os poetas de “espírito cristão” (1963: 240), mencionando assuntos centrais de sua obra, até

³ O frei, na verdade, por motivos compreensíveis, foi radicalmente desautorizado por Otto Maria Carpeaux já à época do lançamento de sua obra historiográfica, em março de 1963, em texto publicado no *Estado de S. Paulo*. “Seu livro, de nível secundário, se caracteriza pelo tom dogmático. A maior parte da literatura alemã está imbuída de espírito protestante e, em tempos mais modernos, de espírito filosófico. O autor, inimigo total deste e daquele, não escreveu uma história da literatura alemã, mas um sermão zangado contra ela. Basta ver as palavras desdenhosas sobre as mais importantes obras de Lessing e as restrições digamos estranhas a Goethe. Hölderlin é apreciado como poeta patriótico, e Georg Büchner é tratado, em dez linhas tolas, como inimigo do gênero humano. Mas que filantropia é a do autor? O título já o faz adivinhar: literaturas germânicas também são a holandesa, a dinamarquesa, a sueca, de que o autor não fala, evidentemente. Para ele, ‘germânico’ é sinônimo de ‘alemão’. Conhecemos essa identificação. Não nos surpreende, portanto, o breve capítulo sobre Heine (págs. 276/281), inspirado pelo mais forte anti-semitismo racista, de tal modo que a raça é alegada para explicar as particularidades da poesia heiniana.” (CARPEAUX 2005: 661)

os estudos para uma teoria da insanidade das massas, e distinguindo seus principais romances. Mas, recorrendo a apropriações e citações indiretas às quais não faltam palavras-chave do pensamento de Broch (“valores”, “dissolução”, “decadência”, “vácuo”), ele não só reduz questões difíceis – procedimento de resto comum a estudos introdutórios – como produz a imagem de um escritor excessivamente católico, sem fazer justiça à religiosidade crítica e multifacetada em Broch.

Pouco depois, em 1964, surgiu *A literatura alemã* de Otto Maria Carpeaux, autor que já somava, à época, mais duas referências rápidas a Broch em textos publicados na imprensa em 1960 e 1961, a primeira no texto “César, em versão de Brecht”, publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 23 de janeiro de 1960, a segunda no texto “Internacionalismo de Krleza”, publicado no mesmo jornal em 6 de maio de 1961. Em sua introdução à literatura alemã, redigida provavelmente em 1963, Carpeaux situa Broch logo após Karl Kraus, ou seja, no plano da crítica mais radical à realidade vienense do início do século XX. Com relação a Broch, privilegiando a trilogia *Os sonâmbulos*, pensa num “panorama moral da Alemanha” e num “romance-ensaio”, em que se revelaria “a substância profunda das situações sociais e das almas humanas, mas sem pretensões românticas de introspecção” (1994: 265-266). Dos romances de Broch, prefere *Os sonâmbulos* como “única realização plena” e entende *A morte de Virgílio* como uma “recidiva a um romantismo febril”. Já no último volume de sua *História da literatura universal*, publicado em 1966, Carpeaux voltaria a Broch e aos *Sonâmbulos* como “obra capital”, desdobrando considerações sobre o tratamento literário de aspectos irracionais por um “espírito racionalista, matemático por formação, que pela criação literária tentava libertar-se das limitações de sua imaginação”. Para Carpeaux, Broch é, “de longe, o mais profundo dos ‘romancistas de ideias’” (1966: 3474).

Em 1968, enfim, foi publicada a *Introdução à literatura alemã* de Erwin Theodor Rosenthal, professor da cadeira de Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. Nela estão Kafka, Thomas Mann, Hermann Hesse e Alfred Döblin como os principais romancistas da fase moderna começada com os expressionistas. Hoje menos conhecidos, Hans Carossa, Werner Bergengruen e Gertrud von Le Fort também surgem, tão ou mais destacados que Broch, que no entanto desponta como escritor “de grande importância para a renascente literatura alemã” (1968: 156). Posteriormente, em 1975, Rosenthal publicou um estudo sobre as dimensões do romance moderno, na verdade a tradução de um título já lançado na Alemanha em 1970, *O universo*

fragmentário. Nele, o nome de Broch aparece repetidas vezes, principalmente como autor dos *Sonâmbulos* – em passagens analíticas da fragmentação espacial e da solidão individual –, até o encerramento do estudo, rematado com uma citação do fim da trilogia. Rosenthal revisaria e reeditaria sua introdução à literatura alemã em 1980.

Devo ainda mencionar, pelo registro, a inclusão de Broch como “cronista doentio da decadência” (1967: 439) no capítulo dedicado ao período moderno da *História da literatura alemã* organizada por Bruno Boesch, traduzida e publicada no Brasil em 1967; no capítulo dedicado à literatura alemã da *História das literaturas universais* organizada por Wolfgang Einsiedel, traduzida e publicada em Portugal em 1973 e distribuída também no Brasil; na *História da literatura alemã* de Eloá Heise e Ruth Röhl, em 1986; no *Pequeno guia da literatura universal* de Luiz Carlos Lisboa, também em 1986; no segundo volume da *História da literatura alemã, das origens à actualidade*, de autoria coletiva (BEUTIN *et al.*), em 1994; no livro de Ludwig Scheidl, em 1998, *A renovação da literatura de expressão alemã na primeira década do pós-guerra (1945-1955)*; e na *História da literatura alemã* organizada por Helen Watanabe-O’Kelly, publicada em Portugal em 2003, em que *Os sonâmbulos* são qualificados por Ritchie Robertson de “peça de museu” (2003: 433).

Completando as referências historiográficas, volto a outras duas passagens, rápidas, mas que merecem nota, na obra de Anatol Rosenfeld: a primeira na *História da literatura e do teatro alemães* e a segunda em *Letras germânicas*, no texto “Balanço da ficção alemã”, ambas publicadas em 1993, pela editora Perspectiva, redigidas porém bem antes disso.

3 Traduções

A primeira tradução em língua portuguesa da obra de Hermann Broch apareceu em 1965, em Lisboa, pela editora Arcádia. Trata-se da trilogia *Os sonâmbulos* em tradução assinada por João Gaspar Simões, personalidade central nas letras portuguesas do século XX, sobretudo como crítico, desde a década de 1930, no grupo presencista, e por mais de meio século. No entanto, ao que parece, a tradução não partiu do texto original, mas de sua tradução francesa, surgida alguns anos antes, em 1957, e apenas foi assinada por Gaspar Simões. Teria sido realizada na verdade por Isabel da Nóbrega, também romancista e dramaturga, então companheira de Gaspar Simões. A “denúncia” é do

escritor e editor Luiz Pacheco, que, entrevistado em 2005, afirmou: “[...] o Gaspar Simões tem montes de traduções que não são dele, nem da avó dele, muitas são da Isabel da Nóbrega, ela traduziu *Os sonâmbulos* e eu é que estive a rever as provas da Arcádia em Setúbal [...] eram à máquina, com emendas à mão [...]” (GEORGE 2005).

A segunda tradução em língua portuguesa veio à luz dezessete anos depois, desta vez no Brasil. Em 1982, portanto, apareceu *A morte de Virgílio* na tradução de Herbert Caro pela editora Nova Fronteira. A julgar pela procedência francesa na tradução assinada por Gaspar Simões, a tradução de Caro seria a primeira de Broch em língua portuguesa que toma por base o texto original em língua alemã. Permanece exemplo de um trabalho extraordinário, meticuloso e sensível, aliás premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte em 1983. Judeu nascido em Berlim, Caro chegou ao Brasil em 1935 e fixou residência em Porto Alegre. Trabalhou como tradutor e dicionarista nas Edições Globo à época de Érico Veríssimo. Além de Broch traduziu, desde os anos 1940, entre outros autores, Oswald Spengler, Elias Canetti e os principais romances de Thomas Mann. Traduziu ainda, pouco antes de falecer, *Os inocentes* de Broch. Assim, é como intelectual e tradutor experiente, na década de 1980, acumulando praticamente meio século de trabalhos tradutórios, que Herbert Caro realiza suas versões de *A morte de Virgílio* e *Os inocentes*. Após a primeira edição em 1982, *A morte de Virgílio* ganharia novas edições em 2001 (editora Mandarim) e em 2013 (selo Benvirá), sempre com a tradução de Caro.

Em seguida, em Portugal, surgiram traduções de textos menos conhecidos de Broch, três do conjunto das *Tierkreiserzählungen* ou “narrativas do zodíaco” (“Uma ligeira decepção”, “Nuvem que passa” e “Uma noite de angústia”), além de “O regresso de Virgílio”, versão inicial da *Morte de Virgílio*. A tradução é de António Sousa Ribeiro, que oferece, no mesmo livro, um bom comentário a esses textos dos anos 1930 e à obra de Broch como um todo, localizando seus principais temas e problemas. As traduções desses textos, com as traduções de outros autores austríacos, contribuíram para os títulos *Histórias com tempo e lugar* e *Novas histórias com tempo e lugar*, duas antologias organizadas por Ludwig Scheidl, em 1981 e 1984, respectivamente. São tentativas de circunscrever o território austríaco da literatura de língua alemã pela divulgação de seus principais autores no século XX, de Hugo von Hofmannsthal a Peter Handke.

Ainda na década de 1980, *A morte de Virgílio* ganhou nova tradução em Portugal, publicada em dois volumes, o primeiro em 1987 e o segundo em 1988. A tradução é de Maria Adélia Silva Melo, que também verteu para o português textos de Heinrich Böll, Botho Strauß e Heiner Müller. Os dois volumes foram publicados pela editora Relógio D'Água, de Lisboa, que os reimprimiu, em volume único, em 2014. Em 1988, igualmente, apareceu a versão de Herbert Caro para *Os inocentes*, já referida. A publicação é da editora Rocco, que, em 1990, assumiria também a edição brasileira do romance inacabado de Broch, *O encantamento*, traduzido por Lya Luft.

Pela intensidade das traduções, como se vê, os anos 1980 podem ser considerados como a segunda fase da recepção lusófona de Broch. Nesse período surgiu ainda em Portugal a história de Zerlina, parte dos *Inocentes*, como “versão” de António S. Ribeiro “com a colaboração” de José Ribeiro da Fonte “a partir da tradução” de Suzana Muñoz, publicada em 1988, pela editora Difel, Lisboa, intitulada *A criada Zerlina*. No mesmo ano, também em Portugal, apareceu nova tradução dos *Sonâmbulos*. À diferença da tradução assinada por Gaspar Simões em 1965, publicada em volume único, a trilogia é lançada agora em três volumes, *Pasenow ou o romantismo*, *Esch ou a anarquia* e *Huguenau ou o realismo*. A publicação é das Edições 70, em coleção dirigida por Eduardo Prado Coelho, e conta com dois tradutores: o livro de Pasenow, publicado em 1988, foi traduzido por António Ferreira Marques, ao passo que os livros de Esch e Huguenau, publicados no ano seguinte, tiveram tradução de Jorge Camacho. Será essa tradução dos *Sonâmbulos* que, em 2003, sofrerá as consequências de um episódio no mínimo lamentável da recepção de Broch em língua portuguesa. Falo do plágio na primeira edição brasileira dos *Sonâmbulos*. Mais que um episódio triste, trata-se de um crime editorial imputado a Wilson Hilário Borges, então proprietário da editora Germinal, de São Paulo. Wilson Hilário assina ele próprio a tradução dos *Sonâmbulos* que publica adulterada, com ligeiras adaptações para mascarar alguns usos do português europeu. Coroando a grosseria parcamente disfarçada, na capa do volume, atribuída a certa Ignez de Castro, lê-se o nome Hermann Brock (*sic*), provavelmente mal copiado do tipo caligráfico impresso na capa da edição portuguesa.⁴

⁴ O furto da tradução portuguesa dos *Sonâmbulos* foi assunto na imprensa, por exemplo, em texto de Luiz Fernando Vianna publicado na *Folha de S. Paulo* em dezembro de 2004, “Editora de SP é acusada de plagiar mais duas obras”, no qual são confirmados roubos semelhantes em traduções de romances de Ivan Gontcharov e D. H. Lawrence também publicadas por Wilson Hilário Borges, morto em 2002.

A má fortuna dos *Sonâmbulos* no Brasil seria compensada oito anos após a edição pirata com a tradução de Marcelo Backes publicada pelo selo Benvirá, de São Paulo. Em 2011, portanto, surgiu a primeira tradução brasileira dos *Sonâmbulos*, em três volumes: *Pasenow ou o romantismo*, *Esch ou a anarquia* e *Huguenau ou a objetividade*. No ano seguinte, apresentei minhas traduções dos comentários de Broch à trilogia. São cinco textos: “O romance *Os sonâmbulos*”, “Problemática, conteúdo, método dos *Sonâmbulos*”, “Construção ética nos *Sonâmbulos*”, “Sobre os fundamentos do romance *Os sonâmbulos*” e “O desmoronamento dos valores e *Os sonâmbulos*”. Os textos compõem um apêndice de minha tese de doutorado defendida em 2013, na Universidade de São Paulo. Ao lado desses comentários, apresentei também traduções de dois ensaios, “James Joyce e o presente” e “A mundivisão do romance”. Não são as primeiras traduções de ensaios de Broch em língua portuguesa. A tradução precursora nesse terreno é a de Claudia Cavalcanti do ensaio sobre Joyce, publicada em 1992 em volume dedicado à obra do escritor irlandês e organizado por Arthur Nestrovski, que por acaso eu desconhecia à época da minha própria tradução desse texto.⁵

Quanto a comentários específicos de Broch à própria obra, as edições brasileiras de *Os inocentes* e *O encantamento* trouxeram já, na passagem para a década de 1990, alguns traduzidos. *Os inocentes* inclui um “Relato da origem do romance”, e *O encantamento* um comentário de 1940 e o pequeno trecho de sua “Autobiografia como programa de trabalho” (1941), em que fala desse romance. Infelizmente, há cortes no texto desse comentário de 1940, remendados com a introdução, entre as páginas 336 e 337, de um pequeno papel contendo o restante das frases mutiladas. Nessa mesma edição, consta uma “Cronologia do surgimento” de *O encantamento*, organizada por Paul Michael Lützeler, a quem não se faz qualquer referência. É preciso porém reparar na má qualidade de muitas edições brasileiras e portuguesas de Broch no que respeita à referência a fontes, apresentação gráfica e revisão do texto. A tradução portuguesa dos *Sonâmbulos* das Edições 70, por exemplo, merece revisões. Com relação à apresentação gráfica das edições brasileiras e portuguesas da obra de Broch, o descuido é com frequência espantoso. Mesmo a recente edição brasileira dos *Sonâmbulos*, cuja apresentação gráfica parece ter sido objeto de alguma atenção, estampa em suas capas xilogravuras de E. L. Kirchner estranhamente escolhidas: o livro de *Pasenow* traz

⁵ Cheguei a afirmar (BONOMO 2013b: 339), equivocadamente, que minhas traduções eram as primeiras da obra teórica de Broch em língua portuguesa. Agora que conheço a tradução de Claudia Cavalcanti do ensaio sobre Joyce aproveito para desfazer esse engano.

imagem da história de Peter Schlemihl; o livro de Huguenau, por seu turno, traz um retrato do pintor Karl Stirner. Aparentemente o procedimento é apresentar recortes de imagens descontextualizadas, como quem conta com o desconhecimento do público ou afirma seu próprio desconhecimento dos títulos e imagens.

Em 2014, por fim, surgiu *Espírito e espírito de época*, antologia de ensaios de Broch organizada na década de 1990 por Lützelers para a editora Suhrkamp e publicada no Brasil na tradução de Marcelo Backes para o selo Benvirá.

4 Aproveitamento teórico

Na recepção de Hermann Broch em língua portuguesa chamo de “aproveitamento teórico” tanto a introdução de suas ideias como romancista e teórico quanto a crítica levada a efeito a partir de sua obra. Nesse sentido, já as menções primeiras referidas pouco atrás, no surgimento da recepção lusófona de Broch, dão início a um aproveitamento teórico. Mas tal sentido supõe igualmente um entendimento largo de sua recepção crítica, apenas ajustado à dispersão, concisão e desigualdade desse aproveitamento. Se não há propriamente um debate articulado e contínuo, essa lacuna não compete só à recepção da obra de Broch. É proveitoso antes notar, neste momento, como iniciativas isoladas pouco a pouco consistem num conjunto. E esse conjunto, afinal, ainda que lentamente, adquire contornos que revelam um interesse crescente, sempre favorecido pelas traduções.

Com algumas traduções aliás há textos introdutórios incluídos como prefácio ou posfácio. São os casos da tradução de *A morte de Virgílio* de Herbert Caro, antecedida do comentário de Franklin de Oliveira na primeira edição e acrescida por um posfácio de Marcelo Backes, na mais recente; e da tradução dos *Sonâmbulos* de Marcelo Backes, que comenta ele próprio os romances da trilogia. Também o livro de ensaios *Espírito e espírito de época* traz traduzido, como posfácio, texto de Paul Michael Lützelers, introduzindo mais consistentemente o pensamento de Broch como crítico da cultura europeia na primeira metade do século XX.

Ainda no campo das traduções, ao menos no Brasil, foram publicados desde fins da década de 1980 textos importantes de sua recepção internacional como o clássico e excelente ensaio de Hannah Arendt incluído no título *Homens em tempos sombrios*, editado pela Companhia das Letras em 1987, traduzido por Denise Bottmann; a reflexão

de Milan Kundera presente em *A arte do romance*, publicação da Nova Fronteira em 1988; as referências a Broch na autobiografia em três volumes de Elias Canetti, publicada pela Companhia das Letras a partir de 1987; e o discurso de Canetti por ocasião do quinquagésimo aniversário de Broch, traduzido por Márcio Suzuki e incluído em *A consciência das palavras* (Companhia das Letras, 1990). À mesma época, em março de 1989, foi traduzido e publicado o ensaio “Broch, traduzido”, de Jean-Michel Rabaté, na revista *34 Letras*. Do mesmo autor, no já mencionado volume dedicado a James Joyce em 1992, *riverrun*, publicou-se também o estudo comparativo “Broch e Joyce”. Finalmente, em 2005, saíram os comentários de Maurice Blanchot em seu *Livro por vir*, com tradução de Leyla Perrone-Moisés, pela editora Martins Fontes.

Quanto a estudos não dedicados a Broch, mas que em determinado trecho mobilizam seu pensamento como teórico, cito, no Brasil, o livro de 1985 de Renato Mezan, *Freud, pensador da cultura*. Nele, Mezan recorre ao estudo de Broch sobre Hofmannsthal para ajudar na composição histórica da Viena de Freud, “mestra consumada”, como diz, na “arte de evitar as arestas da realidade e de recuperar as contradições como fatores de uma diversidade aparentemente harmoniosa” (1985: 54). Do estudo de Broch, lido em francês, Mezan aproveita, pela dialética “entre a obra de arte, seu público e a época em que é produzida”, seu entendimento de Richard Wagner como “gênio do vazio” e da Áustria como “Estado bom para ser guardado no museu” (1985: 26). Em Portugal, lembro a inclusão de suas ideias como teórico do romance no estudo de Silvina Rodrigues Lopes, *A legitimação em literatura*, de 1994, uma ampla discussão das dificuldades teóricas e críticas da instituição literária na modernidade, que vê em Broch – também lido em francês – um momento de oposição e união entre poesia e ciência, “[...] sendo o devir-poesia da ciência, que fazia parte do programa romântico, convertido num devir-ciência da poesia” (1994: 258).

Com relação a estudos dedicados inteiramente a Broch, refiro os textos de Maria Filomena Molder, em Portugal, e de Kathrin H. Rosenfield, no Brasil. Os textos de Molder, surgidos a partir de 1992, sensíveis em sua própria redação à força poética e teórica da obra de Broch, falam da “antinomia como destino”, “[...] não resultando ela de nenhum empreendimento dialético em que a razão se enreda, antes fixando uma tensão, uma oscilação entre opostos, entre os quais a vida e a morte são os mais proeminentes, e a cuja fusão não temos acesso a não ser imaginativo [...]” (2005: 10). Reunidos, os textos de Molder compõem, em 2005, um primeiro livro sobre Hermann

Broch em português *in extenso*, *O absoluto que pertence à terra*, como que assinalando, pela novidade e qualidade do empreendimento, a terceira fase de sua recepção lusófona, a do aproveitamento teórico, que, de certo modo, se estende até a atualidade. Já os textos de Rosenfield surgem em 2006 e 2011 e privilegiam relações conflituosas entre história e memória, comparando Broch com Walter Benjamin e Musil, num caso, e com Charles Ephrussi e Isaak Babel noutro caso, e atentando para a aposta, em Broch, no “potencial agregador da arte” (2006: 190) redimensionado com o colapso da tradição iluminista e romântica durante e após a barbárie nazista.

Também no domínio acadêmico, no que respeita a teses e dissertações, tenho notícia, em Portugal, dos trabalhos pioneiros de Sebastião José de Sousa Dinis, *A nostalgia da unidade em ‘Der Tod des Vergil’ de Hermann Broch*, de 1963; e de Maria Luisa do Couto Gomes Belo, *‘Os sonâmbulos’ de Hermann Broch: tentativa de interpretação e análise da trilogia*, de 1971; e ainda da dissertação de Ana Isabel de Matos Bastos Tiago, *A filosofia de Hermann Broch: um projecto antropológico*, de 2000; no Brasil, conheço a dissertação de Itamar Rodrigues Paulino, *Um olhar sobre a degradação dos valores humanos a partir da obra ‘Os sonâmbulos’, de Hermann Broch*, de 2006. Paulino defendeu igualmente uma tese no Instituto de Letras da Universidade de Brasília em 2014 sobre o mesmo tema, *Entre a criação literária e o conhecimento: aproximações epistemológicas e estéticas na obra de Hermann Broch e as três faces da degradação dos valores humanos*. Pouco antes, em 2012, concluí na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo a tese *Impaciência do conhecimento: aproximações aos ‘Sonâmbulos’ de Hermann Broch*, defendida em 2013, e desde então procuro expandir essa pesquisa com novos artigos e resenhas, apresentando trabalhos em congressos universitários, sem esquecer uma entrevista concedida, em 2014, ao programa Literatura Fundamental, da Univesp TV, cuja divulgação, pela internet, tem a vantagem de alcançar público mais amplo.⁶

Menciono ainda os seguintes artigos, portugueses e brasileiros, publicados desde a década de 1980: “O romance de Hermann Broch *1888 Pasenow oder die Romantik*: função dos elementos rítmicos”, de Elsa Meneses (*Runa*, 1984); “O motivo da balada *Erlkönig* de Goethe no romance *Die Schuldlosen* de Hermann Broch” (*Miscelânea de*

⁶ Minhas publicações sobre Hermann Broch até o momento constam das referências bibliográficas deste artigo. A tese *Impaciência do conhecimento* foi escolhida para integrar a série Produção Acadêmica Premiada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e foi, portanto, publicada *online* em 2015. Disponível em: <http://spap.fflch.usp.br/sites/spap.fflch.usp.br/files/PAP_BONOMO-Daniel_21122015.pdf>.

estudos dedicados a Fernando de Mello Moser, 1985) e “Entre o instante e a eternidade – a criada Zerlina de Hermann Broch e o mito de Don Juan”, da mesma autora (*Runa*, 1990); “As três primeiras versões de *Der Tod des Vergil* de Hermann Broch”, de Maria Antónia Gaspar Teixeira (*Revista da Faculdade de Letras*, 1992); “Hermann Broch: um poeta relutante”, de Maria João Cantinho (*Revista de História das Ideias*, 2003); “Considerações sobre literatura e história na obra de Hermann Broch”, de Márcia Rejany Mendonça (*Cadernos do IL*, 2005); “Nova viagem ou um percurso por Hermann Broch”, de Luís Cláudio Ribeiro (*Vértice*, 2006); e “A poesia depois da destruição: Os inocentes de Hermann Broch”, de Mário Luiz Frungillo (*Signótica*, 2013).

Também os seguintes textos publicados na imprensa, geralmente como resenha ou notícia de traduções: “Como o indivíduo vira massa bruta”, de Regina Dalcastagnè (*Correio Braziliense*, 8 de abril de 1990); “Em busca de uma literatura capaz de explicar o mundo”, de Antonio Gonçalves Filho (*O Estado de S. Paulo*, 3 de dezembro de 2011); “O ovo da serpente no caos”, de Kathrin Rosenfield (*O Estado de S. Paulo*, 3 de dezembro de 2011); “Trilogia atesta trânsito fluente de Hermann Broch entre gêneros”, de Alcir Pécora (*Folha de S. Paulo*, 31 de dezembro de 2011); “Falência dos valores”, de Fabio Silvestre Cardoso (*Rascunho*, agosto de 2012); “Poema sinfônico”, de Manuel da Costa Pinto (*Folha de S. Paulo*, 24 de março de 2013); “Poesia, poder e o colapso europeu”, de Jorge de Almeida (*O Estado de S. Paulo*, 29 de março de 2013); “Ensaio de mestre”, novamente de Antonio Gonçalves Filho (*O Estado de S. Paulo*, 15 de março de 2014); e “Hermann Broch e a dimensão ética contra a estupidez da vida em sociedade”, de Kelvin Falcão Klein (*O Globo*, 4 de outubro de 2014).

5 Aproveitamento artístico

Encerrando, observo alguns momentos oportunos para um aproveitamento artístico de Hermann Broch em língua portuguesa. Em Portugal houve até o presente duas representações dramáticas diferentes da história de Zerlina, personagem dos *Inocentes*. A adaptação do texto de Broch para o palco foi feita antes na França, em 1986, com Jeanne Moreau no papel de Zerlina. Em Lisboa, intitulada *Zerlina*, a primeira representação teve lugar no Teatro da Trindade em 1988. Não tenho, contudo, mais detalhes dessa temporada. Conheço apenas o livro de Jorge Molder publicado em 1992, também intitulado *Zerlina*, com fotografias tiradas para a exposição que integrou o

espetáculo. Depois, em 1993, a peça entrou novamente em cartaz no Teatro Nacional D. Maria II, dirigida e encenada por João Perry, partindo da tradução de Suzana Cabral de Mello, já mencionada. Interpretou Zerlina a prestigiada atriz Eunice Muñoz, acompanhada no palco de Carlos Pimenta, que fez as vezes do senhor A. Completou a estreia, em 28 de janeiro, a circulação de um volume pequeno porém notadamente relevante e bem composto de informações sobre a encenação e material sobre Broch, com pesquisa e traduções de Anabela Mendes e Elsa Meneses, textos de António Sousa Ribeiro, Fernanda Gil Costa e Maria Filomena Molder. Ainda nesse volume, vale a pena conferir o texto de Maria Assunção Pinto Correia sobre Sibylla Blei, filha de Franz Blei e amiga de Broch que viveu até sua morte, em 1962, numa “pequena quinta na margem sul do Tejo” (1993: 89). Após esboçar um retrato da personalidade fascinante de Sibylla Blei, a pesquisadora faz referência a um exemplar de *A morte de Virgílio*, “hoje numa biblioteca pública portuguesa”, com a seguinte dedicatória:

Já passaram três décadas.
E, no entanto, é como se fosse hoje,
pois aquilo por que ansiávamos,
continua a estar de nós muito longe.
Até que, lentamente, o aprendamos:
a não olhar para diante,
antes para o lado – na lonjura,
não vês tu o rosto do amigo.

Com amor
Hermann
Julho de 1945

(CORREIA 1993: 89)

A terceira representação da história de Zerlina é recente, passou-se no Mosteiro de São Bento da Vitória, na cidade do Porto, entre 12 e 22 de fevereiro de 2015, produzida pelo Teatro Nacional São João e pela atriz Micaela Cardoso, que interpretou Zerlina e assinou a encenação com José Roseira. A dramaturgia do espetáculo foi realizada por Francisco Luís Parreira, de novo partindo da tradução de Suzana Cabral de Mello. Acompanhou também o espetáculo a impressão de um folheto com informações sobre a peça e textos de Micaela Cardoso, Francisco Luís Parreira e Claudio Magris. Há também textos no folheto de Maria Filomena Molder e Fernanda Gil Costa já conhecidos do volume publicado por ocasião da representação anterior, de 1993.

Além disso, não posso agora determinar, mas poderia supor escritores brasileiros e portugueses afeitos à prosa de Broch e por ela mais ou menos influenciados. Sei, por

exemplo, que Hilda Hilst anotou certa vez numa página de agenda sentir escritores como Kafka e Broch como seus “irmãos” (*apud* TISCOSKI 2011: 23). Também Eugénio de Andrade afirmou querer carregar consigo *A morte de Virgílio* entre os “dez romances que levaria à Lua” (1990: 315). Mas declarações assim devem ser lidas com distanciamento e cuidado. Não estabelecem por si sós relações precisas, que só viriam com pesquisa mais demorada. Entretanto quero mencionar ainda outro episódio curioso: no dia 11 de fevereiro de 1957, isto é, poucos meses após o lançamento de *Grande sertão: veredas*, Guimarães Rosa foi presenteado com um exemplar em alemão de *A morte de Virgílio* por alguém cuja assinatura, na dedicatória, infelizmente não pude identificar. O oferecimento fala em “modesta lembrança da Europa” e “profunda gratidão” “no dia feliz de meu primeiro contato com o Brasil”. A julgar pelo estado do exemplar, hoje conservado na biblioteca do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Guimarães Rosa leu apenas as páginas iniciais, nas quais encontrou, porém, uma passagem que parece ter chamado a sua atenção, já que está sublinhada com o lápis vermelho característico de tantos manuscritos seus. O trecho grifado compreende a sequência “[...] *den Tod fliehend, den Tod suchend, das Werk suchend, das Werk fliehend* [...]”, traduzida por Herbert Caro como “[...] fugindo da morte, buscando a morte, buscando a obra, fugindo da obra [...]” (BROCH 1982: 25), trecho que, nessa mistura de criação e dissolução típica em Broch, transposto para os interesses de Rosa, talvez mereça exame.⁷

Menciono finalmente a inspirada e bem-sucedida tentativa poética de Augusto Meyer publicada em 1965: uma versão curta, em prosa, para o conflito virgiliano de Broch. “A viagem de Virgílio” vai dedicada “à memória de Hermann Broch” e pertence ao livro *A forma secreta*. Nela, com relação ao estilo, como no romance de Broch, variam os registros alto e baixo, aparecem referências a outros poetas latinos e lances de agonia colhidos na *Morte de Virgílio* e renascidos com o impulso da prosa de Meyer. É também um esforço de síntese, em pouco mais de duas páginas, resumindo o mal-estar em torno da vontade de destruição da *Eneida* a que se opõe, sobretudo, Augusto, no texto de Broch e aqui, na expressão de Meyer:

Os Deuses nos dão de graça, por esmola, um simples hemistíquio, mas que mão misteriosa e prônuba virá casar afinal as duas metades solteiras? Só os que vivem

⁷ O exemplar consta do levantamento que fiz da “biblioteca alemã” de Guimarães Rosa, relacionando aproximadamente 360 títulos entre autores de língua alemã, traduzidos ou não, autores de outras línguas traduzidos para o alemão e títulos de algum modo ligados à cultura alemã. Ver Referências bibliográficas.

alimentando o sonho chamado ação – como tu, meu pobre Octaviano Augusto – imaginam que é possível dar ao inacabado o sentido de um limite... (MEYER 1965: 22)

Aproveitando a imagem, “dando ao inacabado o sentido de um limite”, repito que meu levantamento é provavelmente incompleto, mas contribui para a compreensão de um percurso e o conhecimento de uma fortuna que espero sejam proveitosos a discussões futuras da obra de Broch no contexto lusófono.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Jorge de. Poesia, poder e o colapso europeu. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 2013. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,poesia-poder-e-o-colapso-europeu,1014763>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- ANDRADE, Eugénio de. *Poesia e prosa*. Lisboa: O Jornal, 1990.
- ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BELO, Maria Luisa do Couto Gomes. Os sonâmbulos de Hermann Broch: tentativa de interpretação e análise da trilogia. 1971. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1971.
- BELOCH, Israel (Ed.). *A rede de amigos de Stefan Zweig*. Sua última agenda. Rio de Janeiro: Casa Stefan Zweig; Memória Brasil, 2014.
- BEUTIN, Wolfgang et al. *História da literatura alemã, das origens à actualidade*. Tradução de Antonieta Marisa Lopes et al. Lisboa: Apáginastantas; Cosmos, 1994. v. 2: Do realismo à actualidade.
- BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOESCH, Bruno (Ed.). *História da literatura alemã*. Tradução da Cadeira de Língua e Literatura Alemã da Universidade de São Paulo. São Paulo: Edusp; Herder, 1967.
- BONOMO, Daniel. A biblioteca alemã de João Guimarães Rosa. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, n. 16, p. 155-183, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pg/n16/a08n16.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- _____. A trilogia epistemológica e poli-histórica de Hermann Broch. *Lado7*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 111-117, 2013a.
- _____. A vida irracional. *Revista Cult*, São Paulo, n. 163, p. 48-50, 2011.
- _____. Acercar-se da morte: a correspondência entre Hermann Broch e Egon Vietta. *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo, v. 16, n. 22, p. 339-343, 2013b.
- _____. Conhecimento e poesia em Hermann Broch. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 198, p. 79-87, 2014.
- _____. *Impaciência do conhecimento*. Aproximações aos Sonâmbulos de Hermann Broch. São Paulo: FFLCH/USP, 2015.
- BROCH, Hermann. *A criada Zerlina*. Tradução de Suzana Muñoz. Lisboa: Difel, 1988a.
- _____. *A morte de Virgílio*. Tradução de Maria Adélia Silva Melo. Lisboa: Relógio d'Água, [s. d.].
- _____. *A morte de Virgílio*. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. *Espírito e espírito de época*. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2014.

- _____. James Joyce e a atualidade. In: NESTROVSKI, Arthur (Ed.). *riverrun*. Ensaio sobre James Joyce. Tradução de Claudia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 113-138.
- _____. *O encantamento*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- _____. *Os inocentes*. Romance em onze contos. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Rocco, 1988b.
- _____. *Os sonâmbulos*. Trilogia. Tradução de João Gaspar Simões. Lisboa: Arcádia, 1965.
- _____. *Os sonâmbulos*. Pasenow ou o romantismo. Tradução de António Ferreira Marques. Lisboa: Edições 70, 1988c.
- _____. *Os sonâmbulos*. Pasenow ou o romantismo. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2011a.
- _____. *Os sonâmbulos*. Esch ou a anarquia. Tradução de Jorge Camacho. Lisboa: Edições 70, 1989a.
- _____. *Os sonâmbulos*. Esch ou a anarquia. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2011b.
- _____. *Os sonâmbulos*. Huguenau ou a objetividade. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2011c.
- _____. *Os sonâmbulos*. Huguenau ou o realismo. Tradução de Jorge Camacho. Lisboa: Edições 70, 1989b.
- BROCK [sic], Hermann. *Os sonâmbulos*. Tradução de Wilson Hilário Borges. São Paulo: Germinal, 2003.
- CANETTI, Elias. *A consciência das palavras*. Tradução de Márcio Suzuki e Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *A língua absolvida*. Tradução de Kurt Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *O jogo dos olhos*. Tradução de Sergio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- _____. *Uma luz em meu ouvido*. Tradução de Kurt Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- CANTINHO, Maria João. Hermann Broch: um poeta relutante. *Revista de História das Ideias*, Coimbra, n. 24, p. 475-490, 2003.
- CARDOSO, Fabio Silvestre. Falência dos valores. *Jornal Rascunho*, Curitiba, n. 148, p. 26-27, 2012.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura alemã*. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- _____. *Ensaio reunidos (1946-1971)*. Rio de Janeiro: Topbooks; UniverCidade, 2005. v. 2.
- _____. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1966. v. 7.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Como o indivíduo vira massa bruta. *Correio Braziliense*, Brasília (DF), p. 4, 8 abr. 1990.
- DINIS, Sebastião José de Sousa. *A nostalgia da unidade em Der Tod des Vergil de Hermann Broch*. 1963. Tese de Doutorado, Universidade de Lisboa, 1963.
- FRUNGILLO, Mario Luiz. A poesia depois da destruição: *Os inocentes* de Hermann Broch. *Signótica*, Goiânia, v. 25, n. 1, p. 203-219, 2013.
- GEORGE, João Pedro. Luiz Pacheco: entrevista. *Esplanar*, Lisboa, 4 maio 2005. Disponível em: <http://esplanar.blogspot.com.br/2005_05_01_archive.html>. Acesso em: 25 nov. 2015.
- GONÇALVES FILHO, Antonio. Em busca de uma literatura capaz de explicar o mundo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 dez. 2011. Cultura. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,em-busca-de-uma-literatura-capaz-de-explicar-o-mundo,805930>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- _____. Ensaio de mestre. Ensaio de Hermann Broch ganham primeira edição em português. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 mar. 2014. Cultura. Disponível em:

- <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,ensaio-de-hermann-broch-ganham-primeira-edicao-em-portugues,1140989>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- HEISE, Eloá; RÖHL, Ruth. *História da literatura alemã*. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIN, Kelvin Falcão. Hermann Broch e a dimensão ética contra a estupidez da vida em sociedade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 out. 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/hermann-broch-a-dimensao-etica-contra-estupidez-da-vida-em-sociedade-14119528>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- KOHNNEN, Mansueto. *Literatura germânica do século XX*. Petrópolis: Vozes, 1963.
- KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Tradução de Teresa B. C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- LISBOA, Luiz Carlos. *Pequeno guia da literatura universal*. São Paulo: Forense Universitária, 1986.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *A legitimação em literatura*. Lisboa: Cosmos, 1994.
- MARIANELLI, Marianello. Literatura alemã. In: EINSIEDEL, Wolfgang. *História das literaturas universais*. Tradução de Fernanda Barão. Lisboa: Estampa, 1973. v. 3, p. 77-106.
- MCGAUGHEY, Sarah. Hermann-Broch-Bibliographie (1985-2014). In: KESSLER, Michael; LÜTZELER, Paul Michael (Ed.). *Hermann-Broch-Handbuch*. Berlin; Boston: De Gruyter, 2016. p. 549-626.
- MENDONÇA, Márcia Rejany. Considerações sobre literatura e história na obra de Hermann Broch. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 31, p. 225-250, 2005.
- MENESES, Elsa. Entre o instante e a eternidade – a criada Zerlina de Hermann Broch e o mito de Don Juan. *Runa*, Coimbra, n. 13-14, p. 89-97, 1990.
- _____. O motivo da balada Erlkönig de Goethe no romance *Die Schuldlosen* de Hermann Broch. In: FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA. *Miscelânea de estudos dedicados a Fernando de Mello Moser*. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa, 1985.
- _____. O romance de Hermann Broch *1888 Pasenow oder die Romantik*: função dos elementos rítmicos. *Runa*, Coimbra, n. 2, p. 93-108, 1984.
- MEYER, Augusto. *A forma secreta*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.
- MEZAN, Renato. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense; CNPq, 1985.
- MOLDER, Jorge. *Zerlina*. Uma narrativa. Lisboa: Teatro Nacional D. Maria II, 1992.
- MOLDER, Maria Filomena. *O absoluto que pertence à terra*. Lisboa: Vendaval, 2005.
- NESTROVSKI, Arthur (Ed.). *riverrun*. Ensaio sobre James Joyce. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- PAULINO, Itamar Rodrigues. *Entre a criação literária e o conhecimento: aproximações epistemológicas e estéticas na obra de Hermann Broch e as três faces da degradação dos valores humanos*. 2014. 180 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2014.
- _____. *Um olhar sobre a degradação dos valores humanos a partir da obra Os sonâmbulos, de Hermann Broch*. 2006. 134 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília (DF), 2006.
- PÉCORA, Alcir. Trilogia atesta trânsito fluente de Hermann Broch entre gêneros. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 31 dez. 2011. Ilustrada. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/17600-trilogia-atesta-transito-fluente-de-hermann-broch-entre-generos.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- PINTO, Manuel da Costa. Poema sinfônico. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 24 mar. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/revista/saopaulo/sp2403201333.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- QUINTELA, Paulo. O romance alemão contemporâneo. In: _____. *Hölderlin e outros estudos*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996, 337-362. (Obras completas, I.)

- RABATE, Jean-Michel. Broch e Joyce. In: Arthur Nestrovski (Ed.). *riverrun*. Ensaio sobre James Joyce. Tradução de Maria do Carmo Campos. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 139-165.
- _____. Broch, traduzido. *34 Letras*, São Paulo, n. 3, p. 118-133, 1989.
- RIBEIRO, Luís Cláudio. Nova viagem ou um percurso por Hermann Broch. *Vértice*, Coimbra, n. 129, p. 120-123, 2006.
- ROSENFELD, Anatol. *Doze estudos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959.
- _____. *História da literatura e do teatro alemães*. São Paulo: Edusp; Perspectiva; Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- _____. *Letras germânicas*. São Paulo: Edusp; Perspectiva; Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- ROSENFELD, Kathrin. Broch, Musil, Benjamin: três abordagens da imagem e da história. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Ed.). *Palavra e imagem, memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006. p. 185-203.
- _____. Charles Ephrussi, Isaak Babel e Hermann Broch: três destinos emblemáticos do fracasso da “educação estética-e-ética do homem”. *WebMosaica*, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 97-106, 2011.
- _____. O ovo da serpente no caos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 dez. 2011. Cultura. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,o-ovo-da-serpente-no-caos,805925>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- ROSENTHAL, Erwin Theodor. *A literatura alemã*. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1980.
- _____. *Introdução à literatura alemã*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.
- _____. *O universo fragmentário*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- SCHEIDL, Ludwig. *A renovação da literatura de expressão alemã na primeira década do pós-guerra (1945-1955)*. Lisboa: Colibri, 1998.
- _____. (Ed.). *Histórias com tempo e lugar*. Prosa de autores austríacos (1900-1938). Lisboa: Publicações Europa-América, 1981.
- _____. (Ed.). *Novas histórias com tempo e lugar*. Prosa de autores austríacos. Porto: Afrontamento, 1984.
- TEATRO NACIONAL D. MARIA II. *Zerlina*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.
- TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO. *Zerlina*. Porto: Edições do TNSJ, 2015.
- TEIXEIRA, Maria Antónia Gaspar. As três primeiras versões de *Der Tod des Vergil* de Hermann Broch. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, v. 9, n. 2, p. 335-348, 1992.
- TIAGO, Ana Isabel de Matos Bastos. *A filosofia de Hermann Broch: um projecto antropológico*. 2000. 203 + LIV p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2000.
- TISCOSKI, Luciana. *Os irmãos de Hilda Hilst: transtextualidade e experiência interior*. Dissertação de mestrado. CCE/UFSC, Santa Catarina, 2011.
- VIANNA, Luiz Fernando. Editora de SP é acusada de plagiar mais duas obras. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 dez. 2004.
- WATANABE-O'KELLY, Helen (Ed.). *História da literatura alemã*. Tradução de José António Capoulas de Avó. Lisboa; São Paulo: Verbo, 2003.
- ZWEIG, Stefan. *Briefe an Freunde*. Frankfurt am Main: Fischer, 1984.

Recebido em 30/03/2016

Aceito em 23/05/2016